



ARTIGO

Etnobotânica de terreiros de candomblé nos municípios de Ilhéus e Itabuna, Bahia, Brasil

Marcel Viana Pires^{1*}, Priscilla Patrocínio Abreu¹, Cynthia Silva Soares¹, Brenno Souza¹, Daniela Mariano¹, Delmira da Costa Silva¹ e Emerson Antônio Rocha¹

Submetido em: 26 de setembro de 2008 Recebido após revisão em: 30 de dezembro de 2008 Aceito em: 09 de fevereiro de 2009

Disponível em: <http://www.ufrgs.br/seerbio/ojs/index.php/rbb/article/view/1108>

RESUMO: (Etnobotânica de terreiros de candomblé nos municípios de Ilhéus e Itabuna, Bahia, Brasil). As plantas, no universo das religiões de influência africana, apresentam grande valor por serem utilizadas para propósitos ritualísticos e de rotina pelas comunidades dos terreiros. O presente estudo objetivou identificar as diversas espécies utilizadas em rituais de Candomblé, com fins medicinais, indicadas por pais e mães-de-santo em terreiros nos municípios de Ilhéus e Itabuna, BA, fornecendo informações acerca da procedência das espécies (cultivo, feiras livres e extrativismo em Mata Atlântica e/ou áreas ruderais). Entrevistas semi-estruturadas com 15 pais e mães-de-santo e coleta e identificação de material botânico foram realizadas em dez terreiros de Candomblé. Foram levantadas e identificadas 78 espécies pertencentes a 43 famílias, sendo Asteraceae (nove espécies), Lamiaceae (sete espécies), Fabaceae e Myrtaceae (quatro espécies cada) as de maior representatividade. A maioria dessas espécies é utilizada para fins medicinais (53,21%), seguidas daquelas utilizadas para fins litúrgicos (30,27%) e ornamentais (16,51%). Observou-se que o cultivo (39,89%) sobressaiu-se sobre a obtenção em feiras livres (25,53%) e/ou extrativismo (34,57%). Constatou-se que os conhecimentos místicos, culturais e etnobotânicos dos participantes mais efetivos e tradicionais do Candomblé são muito valiosos. Estudos de etnobotânica nesta área demonstram grande importância para que estas informações que remontam séculos e fazem parte da história e cultura de nosso povo não sejam perdidas.

Palavras-chave: rituais afro-brasileiros, plantas medicinais, extrativismo

ABSTRACT: (Ethnobotany of the terreiros of Candomblé in the cities of Ilhéus and Itabuna, Brazil). The plants, in the universe of religions of African influence, have great value because they are used for liturgical and routine purposes by the communities of terreiros. This essay has the purpose of identifying the various species used in Candomblé rituals and for medical purposes as indicated by *pais* and *mães-de-santo* (meaning the people who lead these rituals) at terreiros in the cities of Ilhéus and Itabuna, Brazil, providing information regarding the origin of the species (cultivation, open-air markets and extraction in the Atlantic Forest and/or wastelands). Semi-structured interviews with 15 *pais* and *mães-de-santo* and the material botanic collection and identification were carried out in ten terreiros. 78 species belonging to 43 families were identified, being the following the ones with most representatives: Asteraceae (nine species), Lamiaceae (seven species), Fabaceae and Myrtaceae (four species each). Most of these species are used for medical purposes (53,21%), followed by those used for liturgical (30,27%) and ornamental (16,51%) purposes. It was observed that the cultivation of such species (39,89%) stood out above the acquisition in open-air markets (25,53%) and/or extraction (34,57%). Also, the mystical, cultural and ethnobotanical knowledge of the most traditional Candomblé participants are extremely valuable. Botanical studies in this area demonstrate a great importance, in order to avoid these informations, that have lasted through centuries and are part of the history and culture of our people, to not be lost.

Key words: afro-brazilian rituals, medicinal plants, extraction.

INTRODUÇÃO

A Etnobotânica obteve, nos últimos anos, grande destaque devido, principalmente, ao crescente interesse pelos produtos naturais (Parente & Rosa 2001), bem como à descoberta de novos usos das plantas (Clément 1998). Porém, a evidente descaracterização das comunidades tradicionais, acompanhada da destruição de habitats e da inserção de novos elementos culturais, põe em risco um grande acervo de conhecimentos empíricos e um patrimônio genético de valor inestimável para as futuras gerações.

Muitas plantas cultivadas têm um emprego sacro no Candomblé, pois este culto compreende, entre outras formas de oblação, a dedicação de oferendas alimentares produzidas à base de plantas domesticadas (Trindade *et al.* 2000). Porém, de acordo com os mesmos autores, existe um outro sistema fundamental, indispensável ao funcionamento do culto: a liturgia das folhas, que envolve

o emprego de plantas colhidas em área não cultivada.

Segundo Voeks (1997), a flora do Candomblé é produto da modificação humana na paisagem sendo caracterizada, predominantemente, por espécies que não são nativas do Brasil. Com o crescimento demográfico acelerado das grandes e médias cidades e a diminuição de áreas de floresta, os terreiros ou cultivam suas plantas em seus quintais, cada vez mais reduzidos, ou buscam estas em outros locais como “casas de folhas”, feiras livres e áreas ruderais.

O acervo de espécies utilizadas em rituais afro-brasileiros sofreu forte influência ameríndia e européia, especialmente a portuguesa. Camargo (1988) afirma que à medida em que os africanos foram se fixando em novas regiões do país, desprovidos dos recursos naturais de que dispunham em suas regiões de origem, encontraram, além daquelas plantas já conhecidas, uma série de outras espécies que se incorporaram aos seus próprios costumes africanos. É

1. Universidade Estadual de Santa Cruz, Departamento de Ciências Biológicas (DCB/UESC). Rod. Ilhéus-Itabuna, km 16, Ilhéus, CEP 45650-000, BA, Brasil.

*Autor para contato. E-mail: marcelpires@gmail.com

possível verificar nos rituais afro-brasileiros que hoje assistimos o uso de muitas plantas nativas brasileiras, além das plantas exóticas, evidenciando um distanciamento do acesso à matriz florística da África (Trindade *et al.* 2000).

As ervas, no universo das religiões de influência africana, apresentam um valor simbólico irrefutável por serem utilizadas para propósitos ritualísticos e de rotina pelas comunidades dos terreiros. Segundo Barros & Napoleão (2000), o emprego de um grande número de plantas nas mais diferentes situações religiosas vem crescendo nos últimos anos. O uso de plantas sagradas atende aos aspectos litúrgicos das casas-de-santo e possui um caráter farmacobotânico, empírico e individual (Barros 1983, Verger 1995, Camargo 1988).

O uso de espécies nativas associadas à prática de rituais de Candomblé envolve um processo de conhecimento mítico-ritual que, por sua vez, caracteriza-se como a base fundamental do funcionamento do culto nos terreiros, como as obrigações para cada orixá, as iniciações e uma variedade de ritos particulares, seguindo uma estética ritual meticulosa. A lógica do sistema etnobotânico do Candomblé tem fundamento num culto que associa à prática religiosa um esforço terapêutico (Trindade *et al.* 2000).

O presente trabalho teve como objetivo identificar as diversas espécies de plantas indicadas por pais e mães-de-santo em terreiros dos municípios de Ilhéus e Itabuna, BA, objetivando especificamente catalogar as plantas utilizadas em rituais de Candomblé e indicadas como medicinais; verificar a identidade botânica das mesmas; registrar os nomes populares atribuídos às plantas pelos pais e mães-de-santo; e detectar o local de coleta das plantas.

MATERIAL E MÉTODOS

A coleta de dados ocorreu entre os meses de agosto a dezembro de 2004, em dez terreiros de Candomblé, cinco do município de Ilhéus, BA (14°47'20"S e 39°02'56"W), localizados nos bairros Hernani Sá, Barreira, Teotônio Vilela, São Domingos e Malhado (Praia dos Marcianos), e cinco do município de Itabuna, BA (14°47'09"S e 39°16'48"W), nos bairros Califórnia, São Caetano, Santa Inês, Campo Formoso e Nova Itabuna. Optou-se por visitar terreiros de pequeno a médio porte, em áreas consideradas humildes das cidades, visando evitar o efeito de descaracterização cultural que os terreiros de Candomblé dos médios e grandes centros urbanos vêm sofrendo.

As informações etnobotânicas sobre o local de coleta e a categoria de uso das plantas como medicinais, litúrgicas e/ou ornamentais foram provenientes de observação participante, contatos informais e entrevistas semi-estruturadas (Martin 2000), as quais foram gravadas e anotadas, com 15 pais e mães-de-santo, principais responsáveis pela liturgia e administração dos terreiros. Os roteiros de entrevista constaram de questões abertas e abordaram aspectos sócio-culturais do Candomblé e o conhecimento etnobotânico dos pais e mães-de-santo. Os entrevistados tinham idades entre 41 e 67 anos.

Como o estudo teve um enfoque qualitativo, uti-

lizou-se o método de questionamento proposto por Ribeiro (1987), segundo o qual as próprias idéias e categorias culturais não são impostas, inadvertidamente, a seus informantes, questionando-os com perguntas abertas, dando liberdade ao informante para responder segundo sua própria lógica e conceitos.

Procedeu-se à coleta do material citado pelos informantes e na presença destes nas hortas e jardins dos terreiros, bem como nas áreas ruderais e de mata adjacentes. O material botânico foi herborizado e as espécies foram identificadas utilizando-se chaves analíticas e comparação com material já existente no Herbário da Universidade Estadual de Santa Cruz (HUESC), onde as exsicatas foram incorporadas ao acervo. As espécies de plantas medicinais levantadas foram identificadas e incluídas em famílias de acordo com o sistema APG (The Angiosperm Phylogeny Group, 2003).

Com base nas informações obtidas, foi elaborada uma listagem de espécies organizada por ordem alfabética das famílias botânicas, seguidas pelo nome científico, nomes populares, categoria de uso popular (medicinal, litúrgica e/ou ornamental) e forma de obtenção das plantas (cultivo, feiras livres e extrativismo em Mata Atlântica e/ou áreas ruderais).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram identificadas 78 espécies vegetais distribuídas em 43 famílias, sendo as mais representativas Asteraceae (nove espécies), Lamiaceae (sete espécies), Fabaceae e Myrtaceae (quatro espécies cada) (Fig. 1). Foram identificados 74 gêneros, sendo que 70 destes (cerca de 94,6%) são representados por uma única espécie; e apenas quatro desses gêneros, *Baccharis* (Asteraceae), *Ocimum* (Lamiaceae), *Eugenia* (Myrtaceae) e *Solanum* (Solanaceae) incluem duas espécies (Tab. 1).

Estudos realizados por Voeks (1997) em terreiros de Candomblé da Bahia relatam a utilização de cerca de 117 gêneros distribuídos em 54 famílias, sendo 96 desses gêneros, ou cerca de 70% do total, representados por uma única espécie, e apenas três destes gêneros (*Ocimum*, *Sida* e *Vernonia*) incluem três ou mais espécies. Almeida (2003) observou, na região metropolitana do Rio de Janeiro e de Salvador, um intenso consumo de espécies vegetais através dos terreiros de religião afro-brasileira. Nestes, os babalorixás e yalorixás (sacerdotes), portadores de conhecimento etnomédico, prescrevem o uso das folhas, raízes, sementes e cascas para fins medicinais, banhos e outros propósitos ritualísticos.

A família de maior riqueza florística (Fig. 1) foi Asteraceae (11,54%), onde foram citadas espécies de uso medicinal (*Achyrocline satureioides* (Lam.) DC., *Ageratum conyzoides* L., *Baccharis trimera* (Less.) DC., *Bidens pilosa* L., *Coreopsis grandiflora* L. e *Matricaria recutita* L.), litúrgico (*Calendula officinalis* L.), medicinal/litúrgico (*Baccharis dracunculifolia* DC.) e litúrgico/ornamental (*Helianthus annuus* L.). Esta é uma das famílias mais comumente citadas em estudos e levantamentos etnobo-

Tabela 1. Lista de espécies de plantas medicinais, litúrgicas e ornamentais utilizadas em terreiros de Candomblé nos municípios de Ilhéus e Itabuna, BA. (med. = medicinal; lit. = litúrgica; orn. = ornamental; cult. = cultivado; ext. = extrativismo; m.a. = Mata Atlântica; a.r. = áreas ruderais; f.l. = feiras livres). * Número de registro no Herbário UESC (Coletores: M.V. Pires e E.A. Rocha).

Família/Táxon	Nome Popular	Uso	Forma de obtenção	Registro
AGAVACEAE				
<i>Agave americana</i> L.	pita	med.	cult.	13248*
<i>Dracena fragans</i> (L.) Ker-Gawl	peregun	med./lit.	cult./f.l.	13249
<i>Sansevieria trifasciata</i> Hort. ex Prain	espada-de-são-jorge	lit./orn.	cult./ext. (m.a.)	13250
ALISMACEAE				
<i>Echinodorus grandiflorus</i> Mitch.	chapéu-de-couro	med.	cult./ext. (a.r.)	13251
AMARANTHACEAE				
<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	erva-de-santa-maria	med.	cult./ext. (a.r.)	13275
ANACARDIACEAE				
<i>Mangifera indica</i> L.	mangueira	med./orn.	cult.	13252
<i>Schinus terebinthifolius</i> Raddi	aroeira	med./lit.	ext. (a.r.)	13253
ANNONACEAE				
<i>Annona muricata</i> L.	graviola	med.	cult./f.l.	13254
APIACEAE				
<i>Foeniculum vulgare</i> Mill.	erva-doce	med.	cult.	13255
<i>Petroselinum crispum</i> (Mill.) A.W.Hill	salsa	med.	cult./f.l.	13256
ARACEAE				
<i>Pistia stratiotes</i> L.	erva-de-santa-luzia	med.	cult./f.l.	13257
ARECACEAE				
<i>Elaeis guineensis</i> Jacq.	dendezeiro	lit./orn.	cult./ext. (m.a.)	13258
ASTERACEAE				
<i>Achyrocline satureioides</i> (Lam.) DC.	macela	med.	ext. (a.r.)/f.l.	13259
<i>Ageratum conyzoides</i> L.	erva-de-são-joão	med.	ext. (a.r.)/f.l.	13260
<i>Baccharis dracunculifolia</i> DC.	alecrim-do-campo	med./lit.	ext. (a.r.)/f.l.	13261
<i>Baccharis trimera</i> (Less.) DC.	carqueja	med.	ext. (m.a.)/f.l.	13262
<i>Bidens pilosa</i> L.	pilão	med.	ext. (a.r.)	13263
<i>Calendula officinalis</i> L.	bonina	lit.	ext. (m.a.)	13264
<i>Coreopsis grandiflora</i> L.	coroa-de-cristo	med.	cult./f.l.	13265
<i>Helianthus annuus</i> L.	girassol	lit./orn.	cult./ext. (a.r.)	13266
<i>Matricaria recutita</i> L.	camomila	med.	cult./f.l.	13267
BIGNONIACEAE				
<i>Newbouldia laevis</i> Seem	acocô	lit./orn.	cult./ext. (a.r.)	13268
BIXACEAE				
<i>Bixa orellana</i> L.	urucum	lit./orn.	cult./f.l.	13269
BRASSICACEAE				
<i>Brassica rapa</i> L.	mostarda	lit.	ext. (m.a.)/f.l.	13270
BROMELIACEAE				
<i>Ananas comosus</i> (L.) Merr.	abacaxi	med./orn.	cult./f.l.	13271
<i>Tillandsia usneoides</i> L.	barba-de-velho	lit./orn.	ext. (m.a.)	13272
CACTACEAE				
<i>Epiphyllum phyllanthus</i> (L.) Haw.	dama-da-noite	lit./orn.	ext. (m.a.)	13273
CLUSIACEAE				
<i>Garcinia kola</i> Heckel	orobô	lit.	ext. (m.a.)	13276
COSTACEAE				
<i>Costus spicatus</i> (Jacq.) Sw.	cana-de-macaco	med./orn.	ext. (a.r.)/f.l.	13277
CRASSULACEAE				
<i>Bryophyllum pinnatum</i> (Lam.) Oken	folha-da-costa	lit./orn.	cult./ext. (m.a.)	13278
CYPERACEAE				
<i>Cyperus rotundus</i> L.	jussum	lit./orn.	cult./ext. (a.r.)	13279
DILLENIACEAE				
<i>Davilla rugosa</i> Poir.	cipó-caboclo	lit.	ext. (a.r.)	13280
EUPHORBIACEAE				
<i>Phyllanthus niruri</i> L.	quebra-pedra	med.	cult./f.l.	13281
<i>Ricinus communis</i> L.	mamona	lit.	cult./ext. (a.r.)	13282
FABACEAE				
<i>Bauhinia forficata</i> Link.	pata-de-vaca	med./orn.	ext. (m.a.)	13283
<i>Cajanus cajan</i> (L.) Mill.	feijão-guandu	med./lit.	ext. (m.a.)/f.l.	13284
<i>Pterodon emarginatus</i> Vogel	sucupira	med.	ext. (m.a.)/f.l.	13285
<i>Senna occidentalis</i> (L.) Link	fedegoso	med.	ext. (m.a.)	13286
LAMIACEAE				
<i>Leonotis nepetaefolia</i> (L.) R. Br.	cordão-de-frade	lit.	ext. (a.r.)	13287
<i>Mentha pulegium</i> L.	poejo	med.	cult./f.l.	13288
<i>Ocimum americanum</i> L.	manjerição-roxo	med./lit.	cult.	13289
<i>Ocimum gratissimum</i> L.	alfavaca	med.	cult.	13290

Tab. 1. Cont.

Família / Táxon	Nome Popular	Uso	Forma de obtenção	Registro
LAMIACEAE				
<i>Origanum vulgare</i> L.	orégano	med.	cult./f.l.	13291
<i>Plectranthus barbatus</i> Andr.	boldo	med.	cult./f.l.	13292
<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	alecrim	med./lit.	cult./f.l.	13293
LAURACEAE				
<i>Laurus nobilis</i> L.	louro	med.	cult.	13294
LILIACEAE				
<i>Allium cepa</i> L.	cebola	med./lit.	cult./f.l.	13295
<i>Aloe vera</i> (L.) Burm. f.	babosa	med.	cult.	13296
LYTHRACEAE				
<i>Cuphea carthagenensis</i> (Jacq.) J.F. Macbr.	sete-sangrias	med.	ext. (a.r.)/f.l.	13297
<i>Punica granatum</i> L.	romã	med.	cult.	13313
MALPIGHIACEAE				
<i>Byrsonima sericea</i> DC.	murici	lit.	cult./ext. (a.r.)	13298
MALVACEAE				
<i>Gossypium hirsutum</i> L.	algodão	med./orn.	cult./f.l.	13299
MELASTOMATACEAE				
<i>Miconia calvens</i> Schrank & Mart.	erva-de-xangô	lit.	ext. (m.a.)	13300
MORACEAE				
<i>Sorocea guilleminiana</i> Gaudich.	espinheira-santa	med.	ext. (m.a.)/f.l.	13301
MUSACEAE				
<i>Musa acuminata</i> Colla.	banana	med./orn.	cult./f.l.	13302
MYRTACEAE				
<i>Eucalyptus</i> sp.	eucalipto	med.	cult.	13303
<i>Eugenia jambolana</i> Lam.	jambolão	med.	cult.	13304
<i>Eugenia uniflora</i> L.	pitanga	med.	cult./ext. (m.a.)	13305
<i>Syzygium cumini</i> (L.) Skeels	jambolão	lit./orn.	cult./ext. (a.r.)	13306
PASSIFLORACEAE				
<i>Passiflora edulis</i> Sims	maracujá	med./orn.	cult.	13307
PHYTOLACCACEAE				
<i>Gallesia integrifolia</i> (Spreng.) Harms	pau-d'alho	med.	ext. (m.a.)/f.l.	13308
PIPERACEAE				
<i>Ottonia anisum</i> Spreng.	joão-barandi	med./lit.	cult./ext. (m.a.)	13309
<i>Piper</i> sp.	quebra-mandinga	lit.	ext. (m.a.)	13310
POACEAE				
<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf.	capim-limão	med.	cult./f.l.	13311
<i>Eleusine indica</i> (L.) Gaertn.	capim-pé-de-galinha	lit.	ext. (a.r.)	13312
ROSACEAE				
<i>Rosa</i> aff. <i>centifolia</i> L.	rosa-branca-miúda	med./orn.	cult.	13314
RUBIACEAE				
<i>Coffea arabica</i> L.	café	med./lit.	cult./f.l.	13315
<i>Genipa americana</i> L.	jenipapo	med.	cult./f.l.	13316
RUTACEAE				
<i>Citrus aurantium</i> L.	laranja-da-terra	med.	cult./f.l.	13317
<i>Ruta graveolens</i> L.	arruda	med.	cult.	13318
SMILACACEAE				
<i>Smilax japicanga</i> Griseb.	salsa-de-espinho	med./lit.	cult./f.l.	13319
SOLANACEAE				
<i>Brunfelsia uniflora</i> (Pohl) D. Don	manacá	med./lit.	cult./ext. (a.r.)	13320
<i>Solanum argenteum</i> Dun. ex Poir.	santa-bárbara	med./lit.	ext. (a.r.)	13321
<i>Solanum paniculatum</i> L.	jurubeba	med.	ext. (a.r.)/f.l.	13322
URTICACEAE				
<i>Cecropia glaziovii</i> Sneathl.	embaúba	med.	ext. (m.a.)	13274
VERBENACEAE				
<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E. Br.	erva-cidreira	med.	cult./f.l.	13323
ZINGIBERACEAE				
<i>Alpinia zerumbet</i> (Pers.) B.L. Burtt. & R.M. Sm.	folha-da-colônia	med./lit.	cult./ext. (m.a.)	13324
<i>Zingiber officinale</i> Roscoe	gengibre	med.	cult./f.l.	13325

tânicos por apresentar um grande número de plantas de uso medicinal, popularmente difundidas, de fácil cultivo e encontradas em áreas ruderais de fácil acesso (Azevedo & Silva 2006, Maioli-Azevedo & Fonseca-Kruel 2007).

A família Lamiaceae apresentou a segunda maior riqueza florística (Fig. 1) deste levantamento (8,97%),

com quatro espécies citadas com fins medicinais (*Mentha pulegium* L., *Ocimum gratissimum* L., *Origanum vulgare* L. e *Plectranthus barbatus* Andr.), uma espécie litúrgica (*Leonotis nepetaefolia* (L.) R. Br.) e duas espécies indicadas tanto para fins medicinais quanto utilizadas como litúrgicas (*Ocimum americanum* L. e

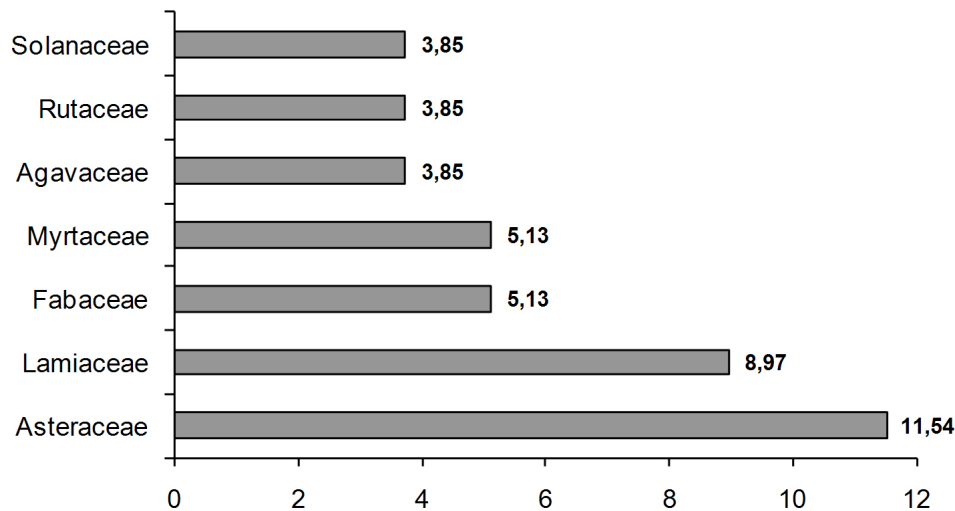


Figura 1. Famílias botânicas representadas por três ou mais espécies utilizadas em terreiros de Candomblé nos municípios de Ilhéus e Itabuna, BA (valores em %).

Rosmarinus officinalis L.). Segundo Schardong & Cervi (2000), esta família apresenta diversos representantes tradicionalmente cultivados e originários da Europa, com finalidades medicinais, trazidos ao Brasil, provavelmente, junto à colonização e incorporados à cultura popular. *Ocimum gratissimum* e *Ocimum americanum*, duas espécies mais comumente citadas, apresentam uso tradicional nas comunidades afro-brasileiras (Albuquerque & Andrade 1998, Schardong & Cervi 2000).

Verificou-se que a maioria das espécies tem utilização para fins medicinais (53,21%), seguidas daquelas com fins litúrgicos (30,27%) e ornamentais (16,51%). Schardong & Cervi (2000) verificaram que 91% das espécies listadas em seu trabalho tinham finalidade medicinal, enquanto apenas 17% tinham uso litúrgico. O uso das plantas com fins medicinais, para cura, tratamento e prevenção de doenças, é uma das mais antigas formas de práticas da medicina humana (Merlin 2003). O conhecimento da chamada medicina tradicional é intrínseco aos pais e mães-de-santo, sendo estes portadores de conhecimento farmacobotânico e místico, estando a cura ou tratamento de doenças sempre associados ao sincretismo religioso do Candomblé.

A maioria das espécies citadas para fins litúrgicos teve seu uso indicado sob a forma de banhos, defumadores, benzeduras e rezas nos rituais propriamente ditos. Espécies como *Dracena fragans* (L.) Ker-Gawl, *Newbouldia laevis* Seem, *Garcinia kola* Heckel e *Miconia calvenscens* Schrank & Mart. são comumente utilizadas nestes rituais, apresentando associação mística/medicinal que, segundo os pais e mães-de-santo entrevistados, relacionam-se diretamente com os orixás (entidades do Candomblé) específicos. Segundo Camargo (1998), estes banhos ou rezas são destinados a induzir o bem-estar e, de acordo com os informantes, têm o poder de afastar maus espíritos, mau olhar ou “quebranto”. Camargo (1988) e Verger (1995) ressaltaram a importância de uma investigação de caráter farmacobotânico destas

plantas em função dos princípios ativos, responsáveis pelos efeitos que causam àqueles que dela se utilizam.

No que se refere às plantas citadas com fins ornamentais, entende-se que, além da utilização ornamental propriamente dita (como a decoração dos terreiros nos dias de festas), a maioria destas serve como proteção da casa contra o mau-olhado, assumindo um caráter místico-religioso. Segundo Schardong & Cervi (2000), plantas como *Sansevieria trifasciata* Hort. ex Prain e *Rosmarinus officinalis*, localizadas nas frentes das casas, têm o poder de interceptarem o que não é positivo, bem como flores de girassol (*Helianthus annuus*) são usadas para propagar energia positiva nos ambientes.

Considerando-se a origem das espécies coletadas, observou-se, neste levantamento, que o cultivo (39,89%) sobressaiu-se sobre a obtenção em feiras livres (25,53%) e extrativismo em áreas ruderais, localizadas nos entornos dos terreiros de Candomblé (19,68%) e em áreas de Mata Atlântica (14,89%). Em relação às espécies utilizadas como plantas medicinais, o cultivo no próprio terreiro, em pequenas hortas e pomares, foi apontado como a principal forma de obtenção (42,27%), seguido da aquisição em feiras livres (34,02%) e extrativismo em áreas ruderais (12,37%) e em áreas de Mata Atlântica (11,34%). Observou-se que o cultivo caseiro ainda é muito utilizado, porém, evidenciou-se que os erveiros e feirantes têm uma participação ativa no fornecimento de plantas medicinais para os terreiros de Candomblé, obtidas, provavelmente, através do extrativismo.

Em relação às plantas indicadas para fins litúrgicos, observou-se predominância de plantas cultivadas (36,36%), seguidas pelas espécies obtidas da Mata Atlântica (23,64%) e do extrativismo em áreas ruderais (21,81%) e, finalmente, da compra em feiras livres, que contribuiu com 18,18% do total de espécies inventariadas. Trindade *et al.* (2000) relataram o emprego sacro das plantas cultivadas nos terreiros de Candomblé e consideraram que a utilização de plantas colhidas em

áreas não cultivadas é indispensável ao culto religioso, ratificando a crença de que essas espécies devem ser retiradas, preferencialmente, de seu local de origem. Tal fato foi evidenciado no presente estudo, onde cerca de 45% das espécies com fins litúrgicos foram obtidas em seu hábitat natural, seja em terrenos baldios (29,7%) ou áreas de mata (15,3%), próximas ao terreiro.

Por fim, as espécies de uso ornamental são provenientes do cultivo (33,88%), seguidas do extrativismo em áreas ruderais (36,11%), da obtenção em feiras livres (13,88%) e do extrativismo em áreas de Mata Atlântica (11,11%). Essas espécies são utilizadas na decoração dos terreiros em dias festivos, nas indumentárias de alguns orixás e, principalmente, como forma de proteção simbólica do terreiro, estando elas estrategicamente posicionadas à frente e laterais da casa.

Apesar da cultuada simbologia, sincretismo e tradição, a prática do Candomblé sempre sofreu com o estigma da marginalização, que está intimamente ligada a séculos de estereótipos e preconceitos. A valorização e existência desta religião hoje são frutos da resistência e luta de seus antepassados, sendo os participantes mais efetivos e tradicionais do Candomblé portadores de valiosos conhecimentos farmacobotânicos. Porém, é evidente a descaracterização de tais comunidades nos últimos anos, onde a velocidade de informações supera a importância da tradição. Desta forma, estudos acerca do conhecimento etnobotânico de pais e mães-de-santo apresentam grande valor para que estas informações, que remontam séculos e fazem parte da história de nosso povo, não sejam perdidas.

AGRADECIMENTOS

Os autores são gratos a todos os pais e mães-de-santo entrevistados, aos erveiros e aos demais colaboradores e incentivadores deste trabalho, pela disponibilidade, paciência e boa vontade. Agradecemos, também, ao Herbário da Universidade Estadual de Santa Cruz (HUESC) e a seus estagiários, pela troca de informações.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, U.P. & SCOTT, L.H.C. 1998. Etnobotânica del género *Ocimum* L. (Lamiaceae) en las comunidades afrobrasileñas. *An. Jard. Bot. Madr.*, 56(1): 107-118.
- ALMEIDA, M.Z. 2003. *Plantas medicinais*. Salvador: EDUFBA. 214 p.
- AZEVEDO, S.K.S. & SILVA, I.M. 2006. Plantas medicinais e de uso religioso comercializadas em mercados e feiras livres no Rio de Janeiro, RJ, Brasil. *Acta Bot. Bras.*, 20(1): 185-194.
- BARROS, J.F.P. 1983. *O segredo das folhas: sistema de classificação de vegetais no Candomblé Jêje-Nagô do Brasil*. Rio de Janeiro: Pallas. 147 p.
- BARROS, J.F.P. & E. NAPOLEÃO. 2000. *Ewé Òrìsà - Uso litúrgico e terapêutico dos vegetais nas casas de Candomblé Jêje-Nagô*. Rio de Janeiro: Bertrand. 518 p.
- CAMARGO, M.T.L. 1988. *Plantas medicinais e de rituais afro-brasileiros*. São Paulo: ALMED. 97 p.
- CLÉMENT, D. 1998. The historical foundations of ethnobiology (1860-1889). *J. Ethnobiol.*, 18(2): 161-187.
- MAIOLI-AZEVEDO, V. & FONSECA-KRUEL, V.S. 2007. Plantas medicinais e ritualísticas vendidas em feiras livres no município do Rio de Janeiro, RJ, Brasil: estudo de caso nas zonas Norte e Sul. *Acta Bot. Bras.*, 21(2): 263-275.
- MARTIN, G.J. 2000. *Etnobotânica – Manual de métodos: manuales de conservación*. Uruguai: Nordan-Comunidad. 268 p.
- MERLIN, M.D. 2003. Archeological evidence for the tradition of psychoactive plant use in the Old World. *Econ. Bot.*, 57: 295-323.
- PARENTE, C.E.T. & ROSA, M.M.T. 2001. Plantas comercializadas como medicinais no município de Barra do Pirai, RJ. *Rodriguésia*, 52(80): 47-59.
- RIBEIRO, B.G. 1987. *Suma Etnológica Brasileira*. Petrópolis: FINEP. v. 1, 120 p.
- SCHARDONG, R.M.F. & CERVI, A.C. 2000. Estudos etnobotânicos das plantas de uso medicinal e místico na comunidade de São Benedito, Bairro São Francisco, Campo Grande, MS, Brasil. *Acta. Biol. Parana.*, 29: 187-217.
- THE ANGIOSPERM PHYLOGENY GROUP. 2003. An update of the Angiosperm Phylogeny Group classification for the orders and families of flowering plants: APG II. *Bot. J. Linn. Soc.*, 141: 399-436.
- TRINDADE, O.J.S., BANDEIRA, F.B., RÊGO, J.C., SOBRINHO, J.L., PACHECO, L.M. & BARRETO, M.M. 2000. Farmácia e Cosmologia: A etnobotânica do Candomblé na Bahia. *Etnoecológica*, 4(6): 11-32.
- VERGER, P.F. 1995. *Ewé: o uso das plantas na sociedade Iorubá*. São Paulo: Companhia das Letras. 768 p.
- VOEKS, R.A. 1997. *Sacred leaves of Candomblé: African magic, medicine and religion in Brazil*. Austin: University of Texas Press. 256 p.